

REDEQUIM

Revista Debates em Ensino de Química

07

AVALIAÇÃO ESCOLAR EM DISCUSSÃO NO PROCESSO CONSTITUTIVO DA DOCÊNCIA

SCHOOL EVALUATION IN DISCUSSION IN THE CONSTITUTIVE PROCESS OF TEACHING

Rosangela Inês Matos Uhmans¹

Lenir Basso Zanon²

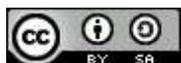
(rosangela.uhmann@uffs.edu.br)

1. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

2. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

Rosangela Inês Matos Uhmans: professora do Curso de Química da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, RS. Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Membro do GEPECIEM. Coordenadora PIBID Química. Email: rosangela.uhmann@uffs.edu.br

Lenir Basso Zanon: professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) de Ijuí, RS. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Membro do GIPEC-UNIJUI. Email: bzanon@unijui.edu.br



RESUMO

A avaliação escolar é uma temática sobre a qual apreciamos discussões e debates críticos, sobretudo, quando ela se reduz à função de classificação dos alunos através de “provas”. O processo que envolveu a tríade: professores de educação básica, formadores da universidade e estagiários da licenciatura – sujeitos desta pesquisa constituiu de forma colaborativa, um meio para tecer reflexões críticas sobre a avaliação escolar. Os dois eixos interpretativos apontaram para as concepções e diferentes estratégias avaliativas com base nos discursos dos sujeitos da tríade, a partir da transcrição da gravação de encontros formativos na licenciatura. A análise apontou indícios (relacionados com as concepções e práticas) de possibilidades devido à interação na tríade para o replanejamento da avaliação, assim como dificuldades quanto à aprovação/reprovação por meio dos exames finais a serem enfrentados em contexto escolar. Constituindo o desejo de uma avaliação escolar com princípio formativo/emancipatório que se efetive no processo de ensino, visando transformar de uma ideologia determinista da reprodução para uma ideologia emancipadora da recriação no ensino.

Palavras-Chave: Encontros Formativos, Ensino, Estratégias Avaliativas

ABSTRACT

The school evaluation is a theme that we appreciate discussions and critical debates meanwhile, when it reduced to the function of classification of students about the tests. The process that involved the triad: basic education teachers, university teachers and trainee students- subjects of this research constitute in a collaborative way, a way to establish critical reflection upon school tests. Both interpretative axes point to the concepts and different evaluation strategies based on the discourse of subjects on the triad, through the transcription of recordings from formative meetings of graduation. The analysis pointed out evidences (related to the concepts and practices) the possibilities due to the interaction in the triad for the replanting of the evaluation, as well as the difficulties related to approval/reproves through final exams to be faced in the school context. Constituting the desire of school evaluation with formative/emancipatory principles that are effective in the process of teaching, due to changing the determining ideology of reproduction for an emancipatory ideology of recreating the teaching.

Keywords: Formative meetings, Evaluative Strategies, Teaching.



1. INTRODUÇÃO: AVALIAÇÃO EM FOCO

O tema deste texto tem por princípio refletir sobre entendimentos de concepções e ações pedagógicas que envolvem a avaliação escolar no ensino da Educação Básica, visto que o aprender não acontece de forma passiva, ou seja, apenas de 'fora para dentro' como se acreditou no modelo da transmissão/recepção. Para o aprendizado ser significativo é importante a internalização com a significação dos conceitos trabalhados e ensinados em aula na mediação discente-discente e discente-docente. A internalização na visão de Vigotski (1993) consiste na transformação de uma atividade externa para uma atividade interna, de um processo interpessoal para um processo intrapessoal como transformação dialética que possibilita a subjetivação de cada pessoa.

O tema da avaliação educacional na perspectiva da aprendizagem é problematizado por autores como: Saul (1994), Hoffmann (2003, 2010), Luckesi (2011), dentre outros. Segundo Luckesi (2011) o momento de avaliar a aprendizagem do aluno não constitui o ponto de chegada, mas uma oportunidade de parar e observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade previamente estabelecida no processo de ensino e aprendizagem. Isso supõe (re)planejar continuamente a prática pedagógica, uma vez que o objeto da ação avaliativa tem sua finalidade a aprendizagem, visto que a função classificatória não auxilia no crescimento da autonomia discente.

A escola e universidade têm responsabilidade no papel social de formadora dos alunos, de forma que o processo se sobressaia ao produto, inter-relacionando os conceitos científicos, escolares e do cotidiano, assim contribuindo num processo de ensino-aprendizagem mediador do desenvolvimento humano. Com esse entendimento, investir no processo de formação de professores é o caminho para que tanto professores quanto alunos tenham autonomia própria. Para efetivar e analisar o processo de formação continuada, um movimento da investigação-ação (CARR; KEMMIS, 1988) foi coletivamente vivenciado, como estratégia teórica e metodológica para desenvolver os encontros formativos da tríade (ZANON, 2003), no qual a discussão colaborativa e a reflexão compartilhada foram instigadas através da reflexão-ação das concepções e diferentes práticas avaliativas.

Para além da observação e fundamentação teórica sobre a avaliação escolar, no sentido de trazer argumentos/pressupostos comprometidos com a finalidade da avaliação, a atenção voltou-se para o inerente acompanhamento contínuo de todo o processo de ensino e de aprendizagem, numa perspectiva iluminativa e reconstrutiva de tal processo. Segundo Saul (1988), o paradigma da avaliação emancipatória faz da avaliação um compromisso para que as pessoas envolvidas nas ações escolares escrevam a própria história ao criarem e recriarem suas próprias ações. Caso contrário, não teria porque avaliar ao simplesmente classificar os estudantes entre os que 'sabem e que não sabem'. Pensar, planejar e entender o currículo e avaliação e do ensino escolar de forma qualitativa é sem dúvida um desafio necessário, em tempos contemporâneos.

A análise dos discursos expressos pelos sujeitos que compõem a tríade girou em torno de dois eixos estruturantes: concepções de avaliação, com olhar também para os referenciais teóricos, e estratégias avaliativas quanto ao planejamento, ação, desenvolvimento e avaliação das práticas formativas na tríade. Esses eixos são tratados, a seguir, além desta introdução, da metodologia e de algumas considerações a partir do movimento formativo vivenciado na investigação-ação.

2. ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

O presente texto referente à temática da avaliação do/no ensino escolar trata de um recorte de uma tese que analisa alguns encontros formativos e colaborativos que abrangeram uma tríade de sujeitos participantes (ZANON, 2003). Tal tríade foi constituída de: oito professores de escolas públicas (da área de Ciências, Química, Física e Biologia), nove licenciandos estagiários e sete formadores dos cursos de licenciatura em Química, Física e Ciências Biológicas da UFFS, Campus Cerro Largo-RS. No movimento da investigação-ação (CARR; KEMMIS, 1988) os sujeitos foram mobilizados a dialogar sobre as **concepções de avaliação** e as **diferentes estratégias avaliativas** usadas nas aulas.

A análise de dados construídos na investigação das tríades induz a considerar que, na medida em que elas vierem a permitir explicitar e discutir concepções subjacentes a práticas trazidas para o âmbito da formação. Isso incrementará condições melhores de problematização e validação de aspectos formativos importantes para a promoção da abertura, atitude de questionamento, essenciais e de uma reflexividade crítica, enquanto marcas fundantes da formação. (ZANON, 2003, p.268-269).

Cabe destacar que durante os encontros os estagiários estavam cursando o Estágio Curricular Supervisionado III do Curso de Licenciatura que proporcionou a inserção dos mesmos nas escolas para a realização dos estágios de docência. Da mesma

forma os professores das escolas eram os co-formadores dos estagiários, assim como os professores da UFFS eram formadores no referido estágio e participantes dos encontros.

Os encontros da tríade foram gravados, respeitando-se os princípios éticos de uma pesquisa qualitativa por envolver seres humanos, expressos na Resolução 196/96 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), no qual os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sob o número do Parecer: 415259 com aval da Instituição proponente – a UNIJUI (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul). Para preservar as identidades dos participantes, esses foram nomeados por P1, P2 [...], para os professores da Escola Básica, E1, E2 [...] para licenciandos e F1, F2 [...] para os professores formadores da UFFS.

Enfim, o presente estudo trata de uma análise e discussão sobre concepções de avaliação escolar e diferentes estratégias avaliativas refletida por um grupo de professores em formação inicial e continuada, constituindo a tríade.

3. PROCESSO DE FORMAÇÃO E AS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

Entre os autores que influenciaram o estudo dessa temática, explicações podem ser encontradas sobre a avaliação escolar, as quais se entrecruzam em referências como de Luckesi (2008) sobre avaliação da aprendizagem, avaliação emancipatória referenciada por Saul (1994), Hoffmann (2010) sobre a avaliação mediadora, entre outros. A avaliação da aprendizagem é uma prática investigativa do professor, cujo sentido é intervir na busca de resultados sobre o processo de aprendizagem dos educandos.

O professor que não avalia constantemente a ação educativa corre o risco de olhar apenas para os resultados baseado nos moldes e procedimentos da reprodução de informações. Em contrapartida, a avaliação escolar com foco na aprendizagem, no princípio da mediação instiga a pergunta, a investigação, a pesquisa e a construção do conhecimento, beneficiando educando e educador através do diálogo estabelecido. Como ensina Maldaner (2000, p.30): “é o professor/pesquisador que vê a avaliação como parte do processo e ponto de partida para novas atividades e novas tomadas de rumo em seu programa de trabalho”.

Pensar a própria prática docente é facilitada quando um grupo interessado toma nas mãos o objeto da avaliação no ensino, ao observar e refletir através da participação responsiva no movimento formativo da investigação-ação. Assim que a tríade de sujeitos alavancou algumas ideias e concepções sobre a questão da avaliação (algo muito complexo), logo surgiram mais dúvidas do que respostas colocando o próprio trabalho docente em alerta. “O que é acrescido pelas tríades é esse modo de interlocução que indica que os sujeitos interagem e refletem sobre um 'algo' concernente a elementos e condições de 'lá' da escola” (ZANON, 2003, p.160).

As concepções dos participantes talvez tenham indícios na formação concluída na licenciatura. Avançar nesta perspectiva concorre com a cultura avaliativa herdada da escola tradicional. É no levantamento da problemática que P2 se pronuncia dizendo: *mas o sistema nos cobra a prova* (P2, 2014). Numa tentativa frustrada de entender melhor o processo de avaliação, P2 põe em xeque sua forma de avaliar, ou seja, admite que a prova ou um teste, define sua prática avaliativa. Longe de qualquer crítica, ao que nos parece estar em conflito, é a prática autoritária, (com exceções), que talvez pela resistência, indiferença ao “novo” e desconhecimento, e o pensamento de que seja mais fácil fazer uma prova.

Romper com a realidade pautada na racionalidade técnica é um constante desafio e talvez o movimento da investigação-ação (na tríade) seja um percurso teórico/metodológico constitutivo da formação de professores (inicial e continuada) como ação discursiva pautada no diálogo crítico. Isso, como possibilidade de ruptura paradigmática, tendo em vista os momentos da investigação-ação: planejamento, observação, ação, reflexão e o replanejamento (CARR; KEMMIS, 1988) das práticas educativas pelos sujeitos. Isso pode ser relacionado com a manifestação de uma das professoras participantes dos encontros formativos, quando ela destacava: *eu acho que essa nova avaliação que é emancipatória está exigindo de nós pararmos e repensarmos que não é só de prova. E eu era só de prova* (P2, 2014). P2 começa a **refletir** sobre o processo de ensino ao por em movimento seu pensamento, resgata sua **ação** e **observa** que precisa **replanejar** sua prática docente.

Os sistemáticos confrontos de ideias expressas e criticamente discutidas no contexto do compartilhamento das próprias experiências e saberes possibilitam reflexões coletivas potencializadas e potencializadoras do movimento de investigação-ação. Isso, tendo em vista os discursos e o compromisso de forma responsiva na discussão dos problemas da/na prática, consequentemente as intervenções na mesma pelos quais se envolveram os participantes da tríade. Como apontam Rosa e Schnetzler (2003, p.33), destacamos: “é necessário que cada um traga, dentro de si, questões de investigação que o mobilizem na direção de novos planejamentos, novas ações e reflexões”.

Na educação é importante entender que: “avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido” (HOFFMANN, 2003, p.120). Uma postura pedagógica atenta às duas últimas citações pode contribuir para promover reflexões críticas sobre

práticas e ações que necessitam ser melhoradas, sobre quais alunos, quais tipos de ensino e de aprendizados necessitam de um olhar mais atencioso, incentivador, desafiador, provocativo, de ajuda, de orientação, entre outros.

Em uma manifestação, F2 assim se pronunciou: *o processo de avaliação é doloroso para professores que submetem a ideia de avaliação a prova, perceberam? (...). Na verdade, a avaliação está dentro do processo de ensino, se eu produzi um texto, esse texto já foi inclusive avaliado.* (F2, 2014). É no movimento de externar as ações da prática que existe a possibilidade de refletir sobre as práticas de ensino no coletivo, oportunizando mudanças na prática proporcionada junto aos alunos, assim como a compreensão de que os mesmos se sintam mais responsáveis pela aprendizagem. A proposta pedagógica alicerçada a uma pedagogia crítica tem potencial para desafiar o educando a pensar e refletir criticamente sobre a realidade no qual está inserido, e que o educador, na concepção de Alarcão (2011, p.48), seja aquele que: “reflete em situações e constrói conhecimento a partir do pensamento sobre sua prática”.

O educador tem o papel fundamental na mediação do conhecimento, ao proporcionar a construção de saberes com os alunos. Com isso a avaliação da aprendizagem tende a se desenvolver conforme determinados níveis de aprendizagem de cada aluno para que o professor por meio da interação/mediação provoque nos alunos uma consciência crítica na significação conceitual, logo das aprendizagens, visando transformá-las e assim se libertar de uma ideologia determinista para uma ideologia que emancipa.

Ademais, a temática da avaliação escolar emerge em meio a reflexões que conduz a um aprofundamento de sua especificidade processual. Diante disso, cabe ressaltar o discurso: *identificar a finalidade da avaliação dentro do processo de ensino, o que de fato oportuniza a aprendizagem (...). Então usar diferentes instrumentos que precisam sempre ser bem orientados e mediados também pelo professor* (F3, 2014). Nesta reflexão, observamos que F3 chama atenção ao processo de ensinar e aprender de forma orientada e planejada.

É na mediação que professor e aluno se entendem, dialogam e negociam a respeito do uso, finalidade e objetivos das diferentes estratégias avaliativas (em discussão no próximo item), essas que ajudam no replanejamento das ações educativas com ênfase no ensinar e aprender de forma colaborativa e responsiva.

4. PROCESSO DE FORMAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS

Avaliar no ensino é ir além da aplicação de diferentes estratégias avaliativas e atribuição de notas e/ou conceitos. Existe a necessidade de um redimensionamento sobre o ato de avaliar, que pelo visto não pode ser entendido como *a posteriori* ao ensino. Hoffmann (2010) destaca: “a finalidade da avaliação não é a de descrever, justificar, explicar o que o aluno ‘alcançou’ em termos de aprendizagem, mas a de desafiá-los todo tempo a ir adiante, avançar, confiando em suas possibilidades”.

Para o professor em exercício melhorar o planejamento, a execução e o papel de avaliador no processo de ensino e aprendizagem, urge atuar como pesquisador da própria prática ao perceber os indicativos da evolução na linguagem específica conforme internalização de conceitos escolares e científicos, além dos indicativos de dificuldade, e assim, redimensionar a prática. Destacamos que a interação de uma tríade proporciona alavancar que o professor se volte a olhar sua prática e comece a pensar nas possibilidades de pesquisar a mesma.

A tríade, segundo minha percepção, contribui para o desenvolvimento profissional, no contexto da licenciatura, na medida que problematiza o licenciando e também o formador, para uma atitude de questionamento frente à complexidade da prática docente, do ensino, do conhecimento, da aprendizagem, da formação, das práticas, da relação entre teoria e prática, em atenção à relevância dos conteúdos disciplinares em suas relações, também, com saberes da prática profissional. (ZANON, 2003, p.268).

Reiteramos a importância de problematizar a função social da avaliação educativa como um dos pontos relevantes para ser levantado na formação de professores (inicial e continuada) tendo em vista a superação da falta de articulação entre ensino, aprendizagem e avaliação. Visto que ainda existe certa inconsistência entre a concepção e a ação dos docentes na prática da avaliação. “O ensino e a aprendizagem são processos contínuos de questionamento, mediados pelos recursos culturais, em que o conhecimento construído em situações específicas transforma continuamente o modo de compreender e atuar dos alunos e do professor” (GALIAZZI, 2011, p. 100-101).

A prática da avaliação ainda é criticada devido a forma com que é trabalhada nas escolas, tendo em vista a redução da função avaliativa pelas famosas provas, como uma das estratégias majoritárias. O que se percebe é que prevalece a confusão na compreensão da avaliação como certo momento pontual, em detrimento da visão do processo avaliativo como decorrente de uma diversidade de estratégias de ensino e de aprendizagem continuamente vivenciadas, não como etapa letiva final. Num dos encontros formativos da tríade, em que se discute a sobre a avaliação da aprendizagem, F2, que observava com atenção a

reação dos estagiários, assim questionou: *o que vocês vivenciaram até hoje desde a Educação Básica até agora no ensino superior? A grande maioria das práticas deve ter sido prova? Ou foi diferente?* (F2, 2014). A pergunta instigou os estagiários a falarem sobre suas vivências no grupo. Logo E1 falou: *quando eu dei aula para meus alunos (...), tentei não ficar apenas na prova, sendo esta uma das estratégias, mas não a principal. Nos encontros como esse, tudo contribui para a gente pensar e querer fazer de uma maneira diferente* (E1, 2014).

Contudo, avaliar não é um processo simples, mas sim complexo, que exige do educador um olhar de sensibilidade e de valorização pela construção do conhecimento como movimentos de ensino e aprendizagem privilegiados, em que o conhecimento vai sendo construído através de diferentes atividades avaliativas. Sejam elas quais forem, através de prova, trabalho, relatório, diário de bordo, ou outro, a intenção é perceber que os “erros” tem importância na superação das dificuldades que, assim podem ser diagnosticadas e não simplesmente levadas em conta para aprovar ou reprovar.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conforme discursos dos professores nos encontros formativos da tríade existem dificuldades ao avaliar numa perspectiva emancipatória, formativa e constitutiva no processo. Ao planejar a avaliação é necessário antes pensar na realidade do contexto escolar. Nas ideias de Uhmman e Zanon (2014, p.4): “o professor pode atuar como um guia regulador por meio de estratégias avaliativas de ensino, até o aprendiz assumir maior capacidade cognitiva nas atividades curriculares e extraescolares”.

Os encontros formativos sobre o objeto de estudo: “concepção de avaliação e diferentes estratégias avaliativas” se caracterizaram no espaço/tempo em momentos colaborativos de diálogos na tríade. Acreditamos que o estagiário ao se inserir em grupos de formação (ainda na formação inicial) passa a investigar o contexto escolar (as práticas e ações imbricadas em uma escola). O movimento da investigação-ação constituiu um exemplo positivo investigado e discutido (neste texto) com base nas discussões dos encontros como promissor para elencar outros temas que emergem na escola. Propondo que as tríades de interação desenvolvidas ao longo da formação dos estagiários, articuladamente às interações em contexto escolar e na interação com profissionais experientes (ZANON, 2003) são amplamente enriquecedores.

Assim dizemos que essa pesquisa apontou indícios de mudanças no processo da avaliação escolar no ensino, tendo em vista momentos ricos de interação na tríade dos participantes discutindo sobre o mesmo objeto de estudo, que a princípio os relatos da prática na roda de discussão dos encontros formativos foram mais para entender e problematizar as concepções. Apesar da insegurança e talvez da indiferença, a política de governo não vem conseguindo respaldo para a reorganização da avaliação no processo de ensino em detrimento dos resultados finais. Se bem que o professor quando inserido em um processo de investigação-ação ao se reconhecer no processo colaborativo de estudo investigativo sobre a problemática (da avaliação no ensino) da educação básica encontra respaldo para suas preocupações. Trazer para a discussão em encontros de formação o que ocorre diretamente nas salas de aula, através da troca de experiências, de conhecimento e reconhecimento das práticas, possibilita reconhecer os limites e elucidar as possibilidades de inserção de práticas avaliativas no ensino.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoria crítica de la enseñanza: investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- GALIAZZI, M. do C. **Educar pela Pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Unijuí, 2011.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliar: respeitar primeiro educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MALDANER, O. A. **Formação Inicial e Continuada de Professores de Química: Professores Pesquisadores**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.

ROSA, M. I. F.; SCHNETZLER, R. P. A investigação-ação na formação continuada de professores de Ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n.1, p. 27-39, 2003.

SAUL, A. M. **Avaliação Emancipatória**: desafio à Teoria e à Prática de Avaliação e Reformulação de Currículo. São Paulo: Cortez, 1994.

UHMANN, R. I. M. **Interações e Estratégias de Ensino de Ciências com foco na Educação Ambiental**. Curitiba: Prismas, 2013.

UHMANN, R. I. M.; ZANON, L. B. **O paradigma da avaliação escolar em discussão na docência em ciências/química**. 33^o EDEQ (Movimento Curriculares da Educação em Química: o Permanente e o Transitório), 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZANON, L. B. **Interações de licenciandos, formadores e professores na elaboração conceitual de prática docente: módulos triádicos na licenciatura de Química**. Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Faculdade de Ciências Humanas: Piracicaba, 2003. (Tese de Doutorado).